



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PISTAS SOBRE A TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DE ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN

Karen Julie C. Almeida

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: karenjca17@gmail.com

Catiane Silva Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: catianejq@gmail.com

Marian Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marian.oliveira@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

A síndrome de Down (SD) é uma alteração genética que ocorre durante a divisão celular do embrião, que (MOTA, 1980), provoca atraso no desenvolvimento corpóreo, nas funções motoras e mentais das crianças. Desse modo, conseqüentemente, os indivíduos com a síndrome apresentarão um ritmo de desenvolvimento mais lento, ou seja, atraso nas aquisições das habilidades físicas e mentais (OLIVEIRA; PACHECO, 2016).

O desenvolvimento da aprendizagem, especialmente da escrita, da pessoa com deficiência intelectual acontece em processo gradativo como de qualquer outra criança, mas para que a aquisição da linguagem aconteça em pleno desenvolvimento, ela se apresenta dependente das capacidades neurofisiológicas que o indivíduo possui – percepção, memória, atenção, imitação, motricidade – e conjuntamente a um meio social favorável para o seu pleno desenvolvimento (ALVES; DELGADO; VASCONCELOS, 2008).

Ferreiro de Teberosky (1985) descrevem que a construção desses conceitos implica um longo processo de elaborações e reelaborações identificadas pelas autoras como estágios ou níveis evolutivos de compreensão sobre a escrita alfabética nomeadamente pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. O desenvolvimento da escrita nas crianças segue um caminho que pode ser descrito como a transformação de

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

rabiscos não diferenciados em sinais diferenciados (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Nessa ótica, escrever significa desenhar o objeto.

No estágio silábico, criança passa a atentar-se ao som das palavras, representando na sua escrita os segmentos mais perceptíveis – as sílabas – com apenas um sinal gráfico (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Nesse estágio, nas representações escritas da criança, cada letra vale por uma sílaba. A qualidade dessas tentativas de representação vai depender do nível de conhecimento que o aprendiz tenha sobre as letras e seus valores sonoros (MEDEIROS ET AL., 2013).

Após o estágio, o aprendiz evolui para um estágio de escrita silábico-alfabética, cuja característica assenta-se num conflito cognitivo pelo qual passa a problematizar a relação entre as representações fonológicas e ortográficas da língua. Nessa etapa, o aprendiz começa a se dar conta dos segmentos menores de som (fonemas) e passa a tentar representá-los, podendo ainda estar motivado pela hipótese da escrita do estágio silábico. Nas produções gráficas são utilizadas em simultâneo as hipóteses silábica e alfabética (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

Por último, surge o estágio alfabético, no qual a criança passa a estabelecer correspondências grafofônicas de maneira mais sistemática e convencional, apresentando uma escrita mais regular e regida pelos princípios alfabéticos no qual a criança compreende que a cada um dos caracteres da escrita correspondem valores menores que a sílaba e procede a uma análise sonora sistemática das palavras que vai representar graficamente. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985)

A pesquisa tem como hipótese que o desenvolvimento da linguagem escrita de pessoas com SD acompanha os níveis de escrita prescritos pela literatura, isto é, a evolução de escrita desses sujeitos não se difere dos sem a síndrome. Como objetivo, o trabalho visa analisar a trajetória de desenvolvimento da linguagem escrita de um estudante com síndrome de Down (SD), de Vitória da Conquista, Bahia e participante do Núcleo Saber Down – UESB.

METODOLOGIA

No presente estudo, analisamos dados de escrita, colhidos em situações naturalísticas, provenientes do Banco de Dados Núcleo Saber Down/UESB. Esses dados



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

foram coletados por meio da aplicação de atividades didáticas destinadas à aquisição e aprendizado da escrita nos atendimentos pedagógicos desenvolvidos com uma pessoa com SD, do sexo masculino, 16 anos, natural de Vitória da Conquista – BA, identificada, nesta pesquisa, como KG.

O Núcleo Saber Down/UESB é um espaço de pesquisa que, por meio da atuação de uma equipe multiprofissional, oferece atendimento pedagógico voltado para a estimulação cognitiva, motora e linguística de crianças e adolescentes com SD. Além disso, são desenvolvidas pesquisas nos domínios da fala, da leitura e da escrita do sujeito com SD.

As propostas de ensino aplicadas nos atendimentos acontecem nas dependências do Núcleo, com periodicidade de atendimentos pedagógicos semanal. O participante tem dia e horário fixos previamente definidos para ser atendido no espaço pedagógico. Esses atendimentos têm duração aproximada de 50 a 60 minutos e acontecem numa sala ampla com lousa branca e com mesas e cadeiras adaptadas. As atividades propostas nos atendimentos são cuidadosamente planejadas para garantir o estímulo adequado para cada sujeito. Além disso, os recursos pedagógicos utilizados durante os atendimentos são adaptados tendo em vista os objetivos de aprendizagem propostos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicam que embora haja uma diferença no que se refere ao tempo que o estudante com Down leve, não há diferença no processo de aquisição da língua escrita entre a criança com síndrome de Down e a criança sem a síndrome. Um único aspecto a ser considerado é a lentidão com que se dá esse processo, possivelmente devido ao comprometimento intelectual que o sujeito com SD possui.



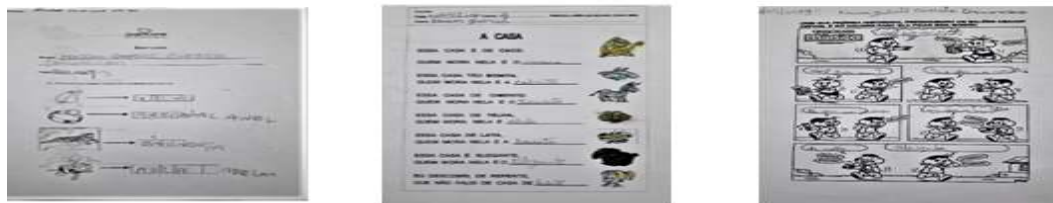
UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Figura 01: Registros Escritos de KG, da direita para a esquerda, coletados, em 2013 (11 anos), 2018 (16 anos) e 2019 (quase 17 anos).



Fonte: Banco de Dados Núcleo Saber Down.

Os dados da primeira imagem, referentes 2013, evidencia que o sujeito ingressou no Núcleo Saber Down/UESB após sua inserção no processo de aquisição de escrita, uma vez que este já frequentava a escola. Por isso, no ano de 2013 é possível perceber que este se encontrava no processo silábico-alfabético, uma vez que já possuía domínio de grafemas e fonemas ao produzir as palavras exigidas nas atividades pedagógicas, porém ainda estava em transição entre o nível silábico-alfabético e o alfabético. Isto é evidenciado pelas produções como “aneo”, “onsa” e “abla”, que representam, respectivamente, anel, onça e abelha.

Como se pode observar, em 2013, aos 11 anos de idade, faixa em que a maior parte dos educandos já venceu a fase silábica o sujeito em questão ainda não havia avançado tal etapa e ainda não sistematizou o uso da consoante lateral em coda final (aneo – anel). Também não houve ainda se regula pela fala ao registrar o fonema /s/ em lugar do grafema – ç, em “onsa” para a palavra “onça”, o que indica um não distanciamento entre fala e escrita, por parte desse sujeito, aos 11 anos e isso fica ainda mais evidente no registro da palavra “abla”, para “abelha” em que ele grafava a segunda sílaba da palavra seguindo pelo nome da consoante (bê) e apaga o núcleo da sílaba, a vogal /e/, que corresponderia ao grafema -e na escrita, ocorrência típica de séries iniciais de aquisição da escrita, além de representar o grafema – lh, correspondente à lateral palatal, numa clara confusão entre lateral palatal vs lateral alveolar e as diferentes formas de representação gráfica desses fonemas, respectivamente o dígrafo “lh” e “l” correspondente à consoante lateral.

Evidenciam-se na Imagem 02, referente a 2018, da figura 1, produções como “macaco”, “barata”, “elefante” e “gente”, que demonstram que aos 16 anos, faixa etária em que o aluno já estaria no ensino médio, KG demonstra já fazer relação fonema de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

forma padrão, consciência fonológica dentro do esperado e domínio de rima etc. Contudo, ainda não sistematizou o uso do dígrafo e continua grafando o – lh, com o grafema típico da lateral alveolar -l. Já com quase 17 anos, na imagem 03, da figura 1, do ano de 2019, em uma produção espontânea de diálogo feita por KG, observa-se que, nessa faixa, em que o educando já escreveria textos de maior complexidade vocabular, sintática e argumentativa, encontram-se ocorrências de frases interrogativas curtas como “Você esta comendo?”, “Você quer um?” e frases afirmativas como em “Te dou um pedaço”, “Me dar meu bolo” e mesmo nelas ainda há algumas infrações, estas relacionadas à acentuação e morfologia verbal, pois não há registro do acento gráfico que vai estabelecer a diferença entre o pronome “esta” e a terceira pessoa do singular “está”, e embora KG demonstre domínio no uso do morfema de tempo presente e da relação entre o verbo e a pessoa pronominal ao registrar “te dou” “você quer”, há confusão na marcação desse mesmo tempo verbal e com o mesmo verbo em “me daR” usa o verbo em sua forma nominal de infinitivo, o que demonstra que ele ainda não sistematizou a regra de flexão verbal, a partir de uso de acento como ocorre com “está” e “dá” que ocorre em algumas formas verbais na terceira pessoa do singular. Contudo, os dados dos anos de 2018 e 2019 revelam que o sujeito se encontra no nível alfabético de aquisição da escrita, apesar dos erros detectados.

Percebe-se, portanto, que os indivíduos com Down também percorrem os estágios de aquisição de escrita propostos na literatura e que embora os estágios sejam os mesmos, o período de ocorrência dos mesmos é diferente do que ocorre com estudantes típicos. Dessa forma, faz-se necessário o desenvolvimento de um trabalho mais direcionado à necessidade da pessoa com SD, no sentido de que possam absorver os ensinamentos com mais facilidade.

CONCLUSÕES

Nota-se que, conforme hipotetizamos, a aprendizagem da escrita da pessoa com Down se dá de forma mais lenta e que mesmo em faixa etária mais adiantada pode-se encontrar formas divergentes na sua escrita. Necessário se faz garantir ao educando com Down vivência de situações que favoreçam o aprimoramento da competência escrita.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição; Escrita; Síndrome de Down.

REFERÊNCIAS

ALVES, G.A.S.; DELGADO, I. C.; VASCONCELOS, M. L. O desenvolvimento da linguagem escrita em crianças com síndrome de Down. **Revista Prolíngua**, 2008.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

MEDEIROS, A. F.; SOUZA, Z. G. E. F.; OLIVEIRA, A. M. G.; NOGUEIRA, E. M. L. As concepções teóricas de professores alfabetizadores sobre a Psicogênese da língua. **Revista EDUC Amazônia – Educação, Sociedade e Meio Ambiente**. v. 11, nº 2, jul./dez., p. 159-172, 2013.

MOTTA, P. A. **Genética médica**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980.

OLIVEIRA, M.; PACHECO, V. Características fonéticas e contrastes fonológicos em dados de fala de pessoas com Down: perspectiva da geometria de traços. **Linguística**. Vol. 32-2, Dezembro, 2016.

RODRIGUES, M.F.A.; MIRANDA, S.M. **A Estimulação da criança especial em casa: entenda o que acontece no sistema nervoso da criança deficiente e como você pode atuar sobre ele**. São Paulo: Atheneu, 2001.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO